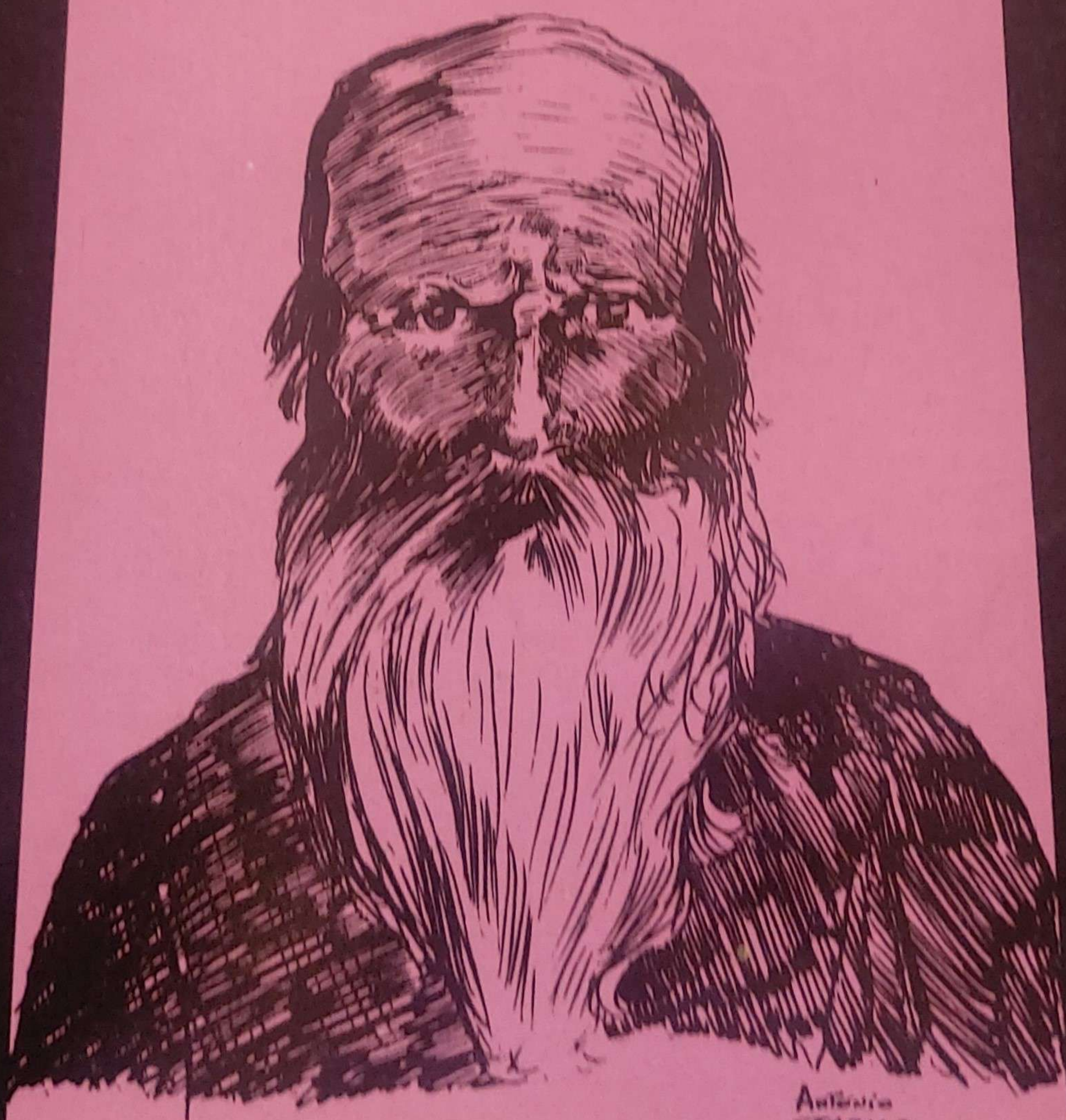
TIMOR

JEREMÍADA

Jorge Barros Duarte

Título: TIMOR — JEREMÍADA
Autor: Jorge Barros Duarte

Edição, Impressão e Acabamento: Pentaedro, Publicidade e Artes Gráficas, Lda.
Distribuição: Europress, Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, Loja A, Póvoa de Sto. Adrião — 2675 ODIVELAS
Tels. 987 75 60 / 982 37 51
Rua Augusto Gil, 6-A 2675 ODIVELAS

Dep. Legal 24454/88

Código 11000117118

Jorge Barros Duarte

TIMOR JEREMÍADA

Maputo, 97-08-26

DEDICATÓRIA

À Terra de Timor;
A todos os seus filhos,
Pelo sangue ou lá nascidos;
A todos os Heróis da Fé e da Pátria
que a regaram com o seu suor, as suas
lágrimas e o seu sangue;
A todos os que lá dormem o seu último
sono;
A todos os que lá sofrem;
A todos os seus Amigos

DEDICA
Um timorense português — Um português timorense.

VESTÍBULO

Sim. É um vestíbulo! Porque vamos penetrar na *"Interioridade"* da Alma timorense! A Alma de um Povo a rezar e a cantar!... E a chorar também!... Quase agonizando!... A Alma Timorense! Um SANTUÁRIO!...

Os versos, que o leitor amigo vai pacientemente percorrer, nas poucas páginas que lhe ofereço, foram escritos com a pena molhada no coração, onde oiço prantos e clamores de centenas de milhares de vítimas inocentes e trovoadas de indignação divina sobre mãos criminosas, saídas de profundezas de mil noites, onde tempesteiam paixões, interesses e traições, ideologias e tragédias, oportunismos e cobardias e cognatismos!!!...

Este é o tom plangente e acusatório do título *"TIMOR-JEREMÍADA"*, evocativo da missão profética de Jeremias na História Bíblica...

Estes versos não são uma linguagem metrificada de sabor moderno. Não. Situam-se, antes, entre a poesia clássica portuguesa e a poesia oral timorense. Esta é um reflexo espontâneo, institivo, da Natureza circundante do timorense, com as suas estações e ciclos, montanhas, planuras, chuvas, nuvens, ribeiras, fontes, Luz e Escuridão, a Noite e o Dia, o Sol, a Lua, as Estrelas, a Terra e o Mar, a flora e a fauna; também os seus usos e costumes, o seu folclor, lendas e mitos!

É uma poesia mais perto do Passado que do Futuro. Nela, a Esperança é fortemente doseada pelo Saudosismo. Um Saudosismo com raízes mergulhadas em gerações e gerações!...

Os versos deste pequeno volume seguem uma trajectória rítmática (em sintonia com o paralelismo oriental, espécie de rima conceitual) e um simbolismo naturalista que mais os aproximam da Alma timorense, caracterizada por um com que substrato animista e uma expressiva vivência cristã, misto de cristianismo e portugalidade!...

Essa rima é um sinal aproximativo de pensamentos!... Uma consonância de sentimentos!... Um pulsar uníssono!... Um "*pari passu*" de anseios!...

Espero, assim, haver conseguido ambientar o leitor amigo ao mundo poético da Alma Timorense, que ainda tem VOZ para clamar às consciências rectas e GRITAR ao CÉU que vê o seu SOFRIMENTO!... "*TIMOR-JEREMÍADA*" é um saltério na mão de cada Timorense!...

Lisboa, 3 de Julho de 1988

Jorge Barros Duarte

CADÊNCIA

Vou cantar?... Não. Chorar a terra que me viu
Nascer e traquinar. Foi lá que me caiu

A lágrima primeira! E verti do meu sangue
De criança a prima gota, quase um bébé exangue!

Timor! Terra bendita! Timor! Tão regado
De lágrimas e suores de mais de um "Enviado",

Com o Evangelho e a Cruz, palavra e sofrimento,
A abrir novos caminhos, em fiel cumprimento

Da mensagem divina, escrita em simples almas,
Dando-lhes à consciência paz, horas mais calmas!

Timor! Quantas e quantas milhas percorri
P'los teu montes e vales!... Que belezas vi

Que muitos poucos viram em corações rectos,
Não somente em meninos, mas também provectos!

Belezas bem maiores do que as deste mundo,
Porque são um mistério, um abismo profundo,

Oculto aos grandes, sábios da terra, e aberto
A todo o pequenino, a todo o esp'rito recto!...

Timor! Terra bendita! Lá está sepultada
A MÃE que eu sempre trago em mim tão adorada

E jamais voltarei a ver, cá, nesta vida!...
Agora só me resta aguardar a partida!...

SAGA PRIMEIRA

O "avô" *Lafáec*" [1] — reza a saga —
Cheio de fome e cansaço,
Sentia-se a morrer ao sol,
Quando lhe aparece a triaga,
Vinda de incógnito espaço!...
Não era gente de prol,
Mas apenas um mocito,
Que, de olho no "*lafáec*" fito,

O arrasta para um collão,
Onde o "*lafáec*" se refaz!
Pois, nunca mais se esquecendo
De tão magnânima acção,
Oferece-se ao rapaz
O crocodilo tremendo,
Agora tão manso e amigo,
Para o levar, sem perigo,

Aonde quisesse!... Oh! Prodígio!...
Um dia, o "*lafáec*" em terra
Se transforma!!!... Era Timor,
Co' o sândalo que prestígio
Lhe deu!!!... E a saga não erra:
Co' aquele seu destemor,
O rapaz foi o habitante
Primeiro da Ilha distante!...

---

1 — Crocodilo em tétum. Esta lenda é da zona de Betano e Mánu-Fáhi. O crocodilo figura em outras lendas de Timor.

SAGA SEGUNDA

O primeiro habitante de Timor desceu
Do alto, por um cordão escarlate. Plebeu
Não era. Pois de estirpe bem nobre seria.
Seu nome era *Nai Lor-Tíris,* co' uma balança
Na dextra, para a Terra pesar, sem falança,
Proibindo à humana gente preversa outra via.

Na sinistra, uma rede de pesca que unisse
Num só clão os humanos que na terra visse.
Mas, um dia, *Nai Lor-Tíris* viu chegar num barco
Nai-Lou, de cútis branca e de semblante atraente!
Viera de muito longe, de uma ignota gente!
Nai-Lou e *Nai Lor-Tíris* tornaram-se um marco [1]

Sugestivo do encontro, na ilha de Timor,
Do timorense com o Evangelho do Amor.
Não será esta saga a imagem bem feliz
De dois povos que a Fé uniu naquelas terras,
Desafiando infortúnios, invejas e guerras?!...
Mas essa gente de "Abril" ficar lá não quis!!!...

E nessa terra longínqua não consentiu
Continuar obra que tão bons começos viu,
Co' amor e zelo, p'ra deserdar irmãos seus
Co' a mesma Pátria e língua em que todos rezavam,
Língua em que todos juntos o mesmo hino entoavam!...
Os timorenses não são, não, de alma plebeus!...

---

1 — Esta lenda foi recolhida em Betano e é muito conhecida em Mánu-Fáhi.

SAGA TERCEIRA

Em tempos bem remotos, surgiu em Lifau
De longínquas paragens misteriosa nau
Que trazia nas velas um sinal: a CRUZ!
Na praia um exército em pé de guerra!
Catanas e azagaias! Gente que se aferra
À defesa do solo natal e traduz,

Em gritos, um furor que tudo quer destruir!
Mas da nau eis que surge, como astro a luzir,
Um vulto venerando — barbas e sotaina —,
Na mão sem qualquer arma, nos lábios o Verbo
D'Aquele Deus Que sempre resiste ao soberbo,
Mas aos humildes ventos e mares amaina!...

Os ânimos serena e a nova lei do Amor
Prega à turba pagã que um "língua" sabedor
Faz por interpretar com sentido e lealdade.
Mas o gentio obstina-se nas suas crendices.
Aos nautas estrangeiros, "pobres infelices",
Só lhes deixa tirar — como grande bondade —

Água de um fundo poço! — "Mais nada, mareantes"! —
Mas o que ele ora vê não é já como dantes!!!...
Em vez de um balde, é uma âncora que a ilha arrasta
Em direcção à nau!!!... Da gentalha pagã
O medo se apodera, qual força malsã!...
E renega, por fim, a sua crença nefasta!...

Timor faz-se cristão, torna-se português!...
Não foi conquista de homens, de gente de arnês,
Mas da força da CRUZ, da Palavra divina
Que de frades da crente e lusitana grei
Fez núncios da VERDADE e do AMOR — NOVA LEI —
Que os corações e as almas une, não malsina!!!...

Nota — Esta lenda vem descrita em *Textos "Em Teto da Literatura Oral Timorense"*, por Artur Basílio de Sá — Junta de Investigações do Ultramar — Estudos de Ciências Políticas e Sociais, N.º 45, VOL. I, Lisboa, 1961, p. 91-105.

O *"CALEIC"*

O *"Caleic"*, a trepadeira
Simbólica, de magia,
— De Jacó a escadaria?! —
Era dela que, à lareira,

Nos falavam os avós,
Numa infância de palhota,
Inocência já remota,
Ora de luto e sem voz!...

Era por ela — diziam —
Que se vinha e se ia,
Fosse noite, fosse dia,
Do alto céu, onde luziam

Astros, estrelas sem conta,
À terra que viu nascer
Tantos, tantos, e morrer
Filhos seus!... Porém que monta

Tombarem esses timores
Para quantos lhes chamavam
"Irmãos" na Pátria que amavam?!...
Ó Terra-Mártir, não chores!...

O *"caleic"*, essa lendária
"Escada" reverdeceu!...
Entre os sepulcros e o Céu
Reluz uma luminária

Anunciando a liberdade,
Não dos homens, mas de Deus
Que não esquece os filhos Seus,
Não 'squece a tua saudade!...

Nota — O *"Caleic"* é uma trepadeira que dá umas vagens que podem atingir uns 30 cm de comprimento e uma largura de 5,5 cm e com favas com o diâmetro de aproximadamente 4 cm. Muitas lendas de Timor e Ataúro se inspiram no *"caleic"* (Entada Scandens).

A "ÁGUA E O SAL"

Timor! Terra de sândalo! Banho de sangue!
Foi a CRUZ que no céu te apar'ceu, para o suangue

Converter
E fazer
De um pagão
Um cristão.

Foi a lâmina de aço, uma espada guerreira
Que ganhou a tua alma?... Não foi a Bandeira?...

— Não foi, não. Foi o "*Sal*"
E aquela "*Água*" auroral
Do Baptismo co' a CRUZ
Que, nesta hora, diz: "*Sus*"!...

Foi do Céu que ela veio alumiar
O caminho a seguir, no palmar,
Na cidade ou aldeia, no mato;
O torrão que eu perdi mas resgato,

Dia a dia,
Não com armas,
Vozearia,
Nem com parmas,

Mas com preces humildes, co' a Fé
Que a vitória arrebata a quem é

Inimigo feroz
Deste povo sem voz!...

Nota — A um capitão-mor de Timor observou um régulo timorense: "*Lembre-se Vossa Senhoria que esta terra não foi conquistada pela espada, mas pela água e pelo sal*", em alusão ao antigo rito do Baptismo em que o sacerdote ministrava ao baptizando uma pitada de sal antes da ablução baptismal.

AS TRÊS CATEDRAIS

O Cabláqui [1], o Ramelau [2],
A Matebian [3]! Que são?...
Catedrais do *"génio mau"*?
Catedrais de pedra!... Então

É lá — crê a alma gentia —
Que se encontram os *"avós"*,
Cujo espírito vigia
O inimigo que avança feroz

E cai, sem dó nem piedade,
Sobre gente abandonada,
Sobre um povo que nunca há-de
Vendr sua alma por nada!...

Catedrais de pedra e sonho,
De torres onde repica
Um grito, clamor medonho!
Todo um povo que suplica

Justiça ao Céu, pois na Terra,
Onde mata, impune, o forte,
O timor inocente erra
Montes, lonjuras, sem norte!...

Altos picos!... São sagrados!
Sim. Porque os encima a Cruz
De um povo que pede, aos brados,
A paz!... Que mais o seduz???!!!...

---

1 — É uma serra de 2.346 metros de altitude, na zona de Manufáhi.
2 — A serra mais alta de Timor, com os seus 2.960 metros de altitude, na zona central da ilha de Timor.
3 — É a segunda serra mais alta de Timor, de 2.368 metros de altitude, na zona leste de Timor.

CLAMORES DE SÉCULOS

Povo mártir de Timor,
Mostra-me o teu coração,
Oceano imenso de dor!...
Nele trazes o balsão

Verde-rubro com as Quinas
Que outros deitaram às malvas!...
Como o pátrio amor ensinas
A quanta gente que salvas

Recebe, em datas solenes,
Sem que nada tenha feito
P'la grei, em tempos infrenes!...
Povo mártir, povo eleito,

Teu coração é um santuário
Em que oiço vozes, clamores
De séculos, campanário
A dobrar apenas dores!

Templo vivo em que se canta,
Se reza e chora, de noite
Ou dia!... A praga é já tanta!...
Nem há onde se pernoite!...

Sacrário vivo, esse teu
Coração em que ainda trazes
O Envangelho que te ergueu
Contra mil vozes falazes,

Povo de Timor, a Fé
Te libertará, um dia,
Desses tratos de polé.
— Se algum povo os merecia!... —

De "*mátan-docs*" [1] não precisas
Que te augurem o futuro.
Que mais são que as pitonisas?
P'la Fé te sentes seguro!...

---

1 — "*Mátan-doc*" (olho+longe) é palavra tétum que significa: arúspice-sacerdote

NADA DOS HOMENS

Infeliz povo de Timor!...
Em correrias e debates,
Declarações e viagens caras,
Muitos te afirmam seu favor,
Oferecendo-te quilates
Que maravilham tantas caras!...
Mas o que vês é sempre igual!...
Quem te veio alijar o mal?!...

Algum novato a versejar,
Qualquer beltrano celebrado
P'la "Comissão" de uns tais "Mauberes", [1]
Como se fora um luminar,
Previligiada voz, um brado
P'ra defender uns pobres seres,
Europa fora e pela ONU,
Onde o pequeno é como um gnu???!!!

A Fretilin, co' o seu "Maubere"
E a "Comissão" da mesma marca, [2]
"Paz E Justiça P'ra Timor", [3]
A bucinar, tudo interfere
No teu viver, com ar de hierarca,
Com "amizade e muito amor"!?...
Mas, co' esse afã, todo esse zelo,
Ninguém te tira o pesadelo!...

Pobre povinho de Timor!...
"Explicações", [4] na tua aldeia,
Te dava o padre missonário
Da Lei de Deus que tudo vence.
Que não te engane crença alheia
Ou qualquer outro sermonário.
O mesmo Deus do "Povo eleito"
É o Deus Que trazes no teu peito!...

Foi esse o Deus Que defendeu
Jerusalém das ambições
De um ímpio rei, vindo da Assíria,
Senaquerib. O que o venceu
Não foram lanças de legiões,
Como não foi qualquer valquíria.
Foi de Ezequias a húmil' prece!...
(Não é que a Fé tudo merece?!)

Numa só noite, o Anjo de Deuz
Feriu de morte a quantos, quantos
Homens armados!!!... Cento e oitenta
E cinco mil!!!... [5] Aos corifeus
Não dês ouvidos, nem aos cantos
Deste ou daquele que te tenta.
Ó Povo crente, eleva as mãos
Ao Céu co' os filhos teus cristãos!...

---

1 — Trata-se de um antigo funcionário do Quadro Administrativo de Timor, que colaborava na redacção do periódico "A Voz de Timor" e publicou, antes do "25 de Abril", 21 pequenas poesias (404 versos ao todo), nas quais aplica 32 vezes ao povo timorense o antropónimo depreciativo "Maubere".

2 — É a "Comissão Para Os Direitos Do Povo Maubere", da simpatia da Fretilin, e ligada ao "Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral".

3 — É um Movimento de simpatia pelo povo de Timor, em que colabora o Eng. António Barbedo de Magalhães.

4 — Era assim que o timor analfabeto se referia às homilias dos missionários.

5 — 2 Reis,19,1-37.

"TÁSSI-FETO" E *"TÁSSI-MANE"* [1]

"Tássi-Feto":
Mar dilecto;
"Tássi-Mane":
Mar imane!

Costa-Norte,
Costa-Sul!
Que me dizem?... A morte?...
Ou reflectem o azul

Do seu Mar ou do Céu? Será isso?
Esse Mar — Oh! Meu Deus! — traz enguiço?...

Donde veio esse ror de infortúnios?
De um "ABRIL" e do JAU?... Que vejo? Une-os

O mesmo hífen na vítima ilesa!...
Se é do JAU a opressão, que defesa

Pode ter Portugal, não de todos os seus filhos
Mas daqueles "heróis" que da fera aos colmilhos

Atiraram, sem dó nem piedade, o timor
Que, chorando, à Bandeira das Quinas amor

Ainda tem, esperando, dos homens, não, não,
Mas do Deus dos ilesos a CRUZ, seu BRASÃO, [2]

Se do Céu vier, por fim, a vontade divina
De uma nova Nação, que a dor ora calcina!...

---

1 — *Tássi-Feto* (Mar-Mulher) é o mar que banha a Costa-Norte de Timor. Chama--se *"Mar-Mulher"*, porque o indígena o considera mais manso que o *"Tássi--Mane"* (Mar-Homem) que banha a Costa-Sul da ilha e que é pelo timor considerado mais agitado.

2 — Sugestão da bandeira de um Timor independente, baseada num milagre ou lenda de uma Cruz luminosa, vista na segunda metade do Sec. XVI, no céu de Timor que por isso, de princípio se chamava Ilha de Santa Cruz. A este propósito, escreve Humberto Leitão: *"Não teria ficado mal que, a par das Terras de Santa Cruz..., ficassem na nossa história as de Santa Cruz de Timor ou de Santa Cruz do Oriente"*. (Humberto Leitão — Os Portugueses Em Solor e Timor, de 1515 a 1702, Lisboa, 1948, p.190).

AUSÊNCIA!

Pobre povo timorense!
No chão que foi sempre teu
Já tudo desapareceu!...
O que é que ainda te pertence?!...

"Halai nátar", [1] semear milho?!
Já nem podes!... E os bazares
Aonde ias p'ra novos ares,
Sempre pelo mesmo trilho?!...

E o *"súru bóec"*, [2] *"sama hare"* [3]?!...
São coisas do teu passado!...
Num presente atribulado,
Donde virá quem te ampare?!...

Terra mártir de Timor,
Os teus "tebe" [4], os teus *"lícu"*, [5]
"Cacatuas" e *"berlicu"* [6]
Já não são mais que um travor!

Os teus *"bélac"* [7] e "crescentes",
Os teus *"lorsá"* [8] onde estão?...
O teu *"súric"* [9] e "parão"?...
Lavaram-nos outras gentes?!...

Para onde foram os teus
"Baba-túhin", [10] *"baba-lôtu"*?... [11]
— Foi tudo p'ra um saco roto?!...
Só arrulham *"lacateus"*, [12]

Em lugar do *"lacadou"*, [13]
"Coco-térec", [14] *"fui-ainá"*, [15]
"Fui-dôrus". [16] *E que mais há?!...*
O "fui-laléo" [17] já deixou

De se ouvir, como o *"babó"*, [18]
Como o *"caqueit"*, [19] como o *"tala"!...* [20]
Agora nada me fala!...
Nem a voz da minha avó!

---

1 — É a operação de revolver a várzea com os búfalos, antes da sementeira.
2 — A operação e o descante da apanha dos camarões nas ribeiras.
3 — A operação e o descante do piso do néle.
4 — Dança e descante nocturnos em Timor.
5 — Dança e descante nocturno em que os intervenientes, homens e mulheres, se mimoseiam com expressões um tanto livres.
6 — *"Cacatua"* é corruptela de catatua.
7 — É um disco de oiro ou prata que o timorense traz ao peito, pendurado do pescoço por um fio passado por um furo praticado no centro do disco.
8 — Dança guerreira, para celebrar a vitória sobre o inimigo.
9 — Catana de guerra.
10 — Tambor.
11 — Tamborete usado pelas mulheres, nas danças indígenas.
12 — "Lacateu" é rola.
13 — Instrumento músico em bambu, cujas cordas são dedilhadas.
14 — Instrumento músico de cana e palheta, terminado em funil.
15 — Flauta de madeira de pau-rosa.
16 — Espécie de pequeno órgão de canas, tocado com a boca.
17 — Pequena flaura, feita de cana, com uma abertura no meio e as extremidades abertas.
18 — Búzio de ponta de búfalo.
19 — Birimbau de ferro ou bambu.
20 — Gongo de bronze.

"TRANSATLÂNTICO ANCORADO"

"*Transatlântico ancorado*"!
Assim te apodaram já!...
Terra de Timor, teu brado
Ao mundo denunciará,

Sim, os que não te ancoraram,
Como diziam ao mundo,
Mas, ao invés, te encalharam,
Sem escrup'los, num segundo,

Sem carregamento de oiro,
Mas de vidas inocentes!...
Imensurável tesoiro
Lançado a vagas ingentes!!!...

"*Ventos da História*", dirão!
Mas que triste história a tua,
Escrita por escrivão
Que a tragédia perpetua!

"*Transatlântico ancorado*",
Foi assim que te venderam!...
A quem?!... Ao "Soviet" danado?!...
E esses? Teus irmãoes não eram?!...

— Sim! Co' a mesma Pátria e língua!
Uma mesma Fé e Bandeira!...
De palavra de honra à míngua,
Que perdão p'ra essa falheira?!...

"*Transatlântico*" não és,
Terra de Timor, mas "*Nau*"!
Hão-de vir outras marés!...
Livrar-te-ão desse calhau!...

Nas velas pandas, então,
Novamente ostentarás
De Cristo a Cruz em galão,
Num mar de bonança e paz!...

PALAVRA JURADA

Que é para ti, gente de Timor,
A palavra jurada?...
— É palavra sagrada!...
Não é de hoje ou amanhã, como o amor

Fugaz que engana co' as aparências!
É voz dos abismos,
HONRA sem eufemismos,
Força e Amor que não sabem cedências!

Juramento de sangue ou de terra [1]
É coração qu fala,
Alma que nada abala,
HONRA que espada nenhuma aterra!...

O pó do chão e o sangue das veias,
Trago-os dentro de mim,
Qual precioso rubim,
Sempre bem longe de mãos alheias!...

Quanto me dói pensar que irmãos meus
"Do outro lado do mar [2]
Se foram sem deixar
Uma lágrima ou gesto de adeus!!!...

A Bandeira sagrada mancharam!...
A mesma que eu venero
Ainda, co' o inimigo fero
Na terra amada que eles deixaram!...

---

1 — O juramento em Timor tem dois ritos: o do pacto de sangue (*"hêmu-ran"* = beber+sangue) e o de molhar o dedo indicador com a saliva e apanhar um bocado de terra e levá-lo à boca (*"há-rai"* = comer+terra). "*"Há-rai"* quer dizer: "que a Terra me coma", se eu perjurar.

2 — *"Do outro lado do mar"* é um idiotismo Tétum referente a quem vem de fora de Timor.

UM POVO CATIVO

É tarde! Fosca, lívida tarde!
Ténue fogacho que apenas arde!...
Mal aberto sorriso
De lábios em desmaio,
Indeciso,
Em ensaio!...

Rolam nuvens no céu!
Oh! São nuvens de exílio,
Ensanguentado véu
De um povo sem auxílio!...

São nuvens ou espuma
De altas ondas do mar,
Sem dureza nenhuma!...
Flocos de sumaúma
A voar..., a voar..., a voar!...

Véus imensos,
Grande lenços
Postos no ar
A enxugar!...

Ai! Não se enxugam mais!...
Embebeu-as o mar
Em prantos eternais,
Longos, penosos ais:
Todo um povo a chorar!...

Cerrou-se o horizonte!...
Ah! Quanto chove além,
No prado e no monte!...
Como se fora fonte,
O meu beiral também,

Enternecido, chora
Sobre tanta pedrinha
Enjeitada cá fora,
Na lama pecadora,
Como coisa daninha!...

E as pedrinhas
Molhadinhas,
Ai! Tiritam
E saltitam,

Afeitas ao seu mal,
A tão mísera vida!
Gente no lamaçal,
Exposta ao vendaval!...
Um povo sem guarida!...

Pedras?!... Mas gosto delas,
Dessas pobres pedrinhas!...
Ai! Num céu sem estrelas,
As nuvens são mais belas,
Mais leves, levezinhas,

Quando as vejo, lá no ar
Voando acima de tudo,
Asas feitas de luar,
Abertas para dar
Sombra ao cascalho miúdo!...

Eu amo essas pedrinhas!...
Lembram um mundo além
De gentes coitadinhas,
Almas esquecidinhas,
Sem nada, sem ninguém!...

Mas a nuvem adensa-se agora
Sobre tamanha miséria! E chora!...

E lá vai sobre o mar,
Fugindo sem cessar...,
Sempre voando,
Alta no ar,
E chorando
Sem parar!...

SAUDADE

SAUDADE!... O que ela é?... Uma ausência
Que abraça o que não vê!... Persistência
Da atenção e do amor!...
Um mistério impulsor

Correndo mil caminhos p'lo monte
E planuras sem fim, onde esponte
O rosto, a imagem q'rida
Dos anos de uma vida

Passada numa aldeia distante,
Terreola de Timor, sempre diante,
Não dos olhos — Oh! Não —
Mas, sim, do coração,

Cujo pulsar é o eco veloz
— Percorrendo distâncias — da voz
Na memória vivaz
Que sempre guarda e traz

O retrato da MÃE, PAI, e FILHOS
E a tela do milhal, onde os trilhos
Não se apagam jamais,
Nem com mil vendavais!...

O MEU CRIME

1

Tanto tempo na cruz, povo infesso!!!...
Mas qual foi o teu crime?! Traição à Bandeira?!
— "O meu crime é ser fiel a esta Fé que professo!
Trago escrita em minha alma essa Fé verdadeira!

2

O meu crime, é amar a Bandeira das Quinas,
É tingi-la de sangue inocente e guardá-la
Em cestinhos de palha, qual oiro das minas
Cobiçadas por quem de outra coisa não fala!

3

O meu crime é enjeitar a GARUDA [1] e o MARTELO
Mais a FOICE que inferna e não salva o meu solo.
Trago o corpo rasgado, ferido a cutelo,
Mas a nada me rendo, a promessas ou dolo.

4

A minha alma não vendo à GARUDA opressora,
Nem a MARX. Sou CRISTÃO PORTUGUÊS de Timor.
Minha terra abençoada! Que dizes agora
Aos teus filhos?... — "Que se unam num único AMOR

5

P'ra um futuro, um futuro mais digno e feliz
Para todo o timor, tanto o rico e o letrado
Como o ignaro, sem prata, mas recto: que diz
A VERDADE; e o DIREITO traz sempre adorado".

---

1 — *"Garuda"* é a Águia de Visnu, símbolo pátrio da Indonésia.

POVO "*MAUBERE*"

Ó Povo de Timor!... Já te chamam "*Maubere*"!...[1]
Será esse o teu nome?!... Olha, quem o profere?...

São outros? Ou são filhos teus, que ao mundo assim
Te apresentam?!... "*Maubere*" é gente, nome ruim,

Como todos os "Lêquis", quer "*Bere*" quer "*Mau*".[2]
Tanto faz! Nenhum deles — sim — vale um "*pardau*"![3]

Dize: Como te chamas? — "*Cristão*", "*Português*".
Sim. De toda a minha alma! Não importa a tez!

Eu sinto ainda na boca o *SAL* que recebi
Na "*MANHÃ*" do Baptismo, e o vivído rubi

Nas veias a correr, o sangue da Bandeira
Das Quinas, que flutua ainda tão altaneira,

Não já na terra em sangue, mas, sim, na minha alma
Em dor, vendo os meus filhos que A trazem na palma

Das mãos, qual um tesoiro do seu coração,
Onde rezam, perguntam o que eles serão,

Amanhã ou depois!?!!? À mercê do inimigo?!...
Ou de alguns seus irmãos?!... Desvendar não consigo,

Se estes perderem a ALMA do seu próprio POVO
E lhe derem um nome — VIL — que eu não aprovo!...

---

1 — Antropónimo pejorativo usado em Timor e hoje muito divulgado pela *Fretilin*, para fins meramente ideológicos e partidários.
2 — *Lêqui* é elemento componente de antropónimos compostos, como: *Berelêqui, Maulêqui*.
3 — Medida de comprimento, para determinar a idade e o preço dos búfalos.

CARNE P'RA CANHÃO

Pobre povo de Timor!...
Porquê tanto sangue e pranto?!...
— "A minha voz eu levanto:
Quem lucra com essse horror?!...

Já to digo: é um espadachim.
Eu sou carne p'ra canhão
De um partido raposão,
Conhecido beleguim!...

Não sou mais que um escudo humano
À mercê de um "travesti"
(Eu nunca assim me vesti!)
Com o invasor "mano-a-mano"!...

Com o meu sangue e o meu choro
Vai ele o mundo correndo
E sonhando um referendo,
Enquanto ensaia o seu coro,

Que repete sem parar
Esse estribilho: "Maubere"
Que a dignidade me fere!...
E, assim, vai, por terra e mar,

Em demanda do prestígio
Que o torne em única voz,
Numa luta bem feroz,
P'ra ganho do seu fastígio!...

Mas de Cristo pode a Cruz
Ser um brasão com a Foice
E o Martelo?!... P'ra mim foi-se
Tudo o que na terra luz!...

Só do Alto espero a alegria,
Nova paz e liberdade,
Após tanta falsidade
De quem nunca eu a esperaria!...

POVO INDEPENDENTE!?

"O povo de Timor
Quer ser independente"!!!...
— Como?!... Sou indigente!?...
Um mendigo de amor!...

E quem mo pode dar? Quem? A ONU?!
Armazém de interesses a nu?!...
Lá a plavra é guerreira
E a verdade é estrangeira!...

Para lá me atirou, sem vintém,
Gente com voz, mas braços não tem,

Para ainda me embalar,
Peito p'ra me aleitar,
Nesta idade de infância,
Em vez dessa jactância

De palavras bonitas como estas:
"DEMOCRACIA E PAZ, mais, mais FESTAS",

Enquanto eu vou chorando,
Enquanto eu vou rezando,
Olhos postos no Céu
Que inda quer, quer ser MEU!...

ABANDONO

Povo de Timor, onde estão aqueles
"*Heróis*" que se diziam teus irmãos,
Co' a mesma língua e Pátria?!... Pensas neles?...
— Oh! Penso com tristeza!... Olho p'ra as mãos,

Para estas minhas mãos, ora sem nada!...
Sem liberdade e paz!... Sem alegria!...
Timorenses!... São gente abandonada,
Co' o travo da traição e hipocrisia

Na boca e na alma em dor!... Um povo em fuga
Na sua terra-mártir, onde o sangue
Não pára nem a lágrima se enxuga!...
Oh! Povo de Timor!... Um corpo exangue!...

Fugir não podes! Cerca-te o inimigo
Por todo o lado, seja terra ou mar!...
A teu lado não tens nenhum amigo,
P'ra uma espiga de milho te passar!...

Foi essa a liberdade que te deram?!...
Ah! Bem negra traição e hipocrisia!...
Como a José do Egipto te venderam,
Para só gargantear: "*Democracia!...*

Mas o Senhor, o Deuz dos Céus e da Terra
'Stá bem perto das almas e dos povos,
Que a opressão, a miséria, a dor aterra
E lhes reserve dias, tempos novos!...

PORQUE CHORAS?!

Porque choras, mulher?!...
— Esventraram-me a filha
E arrancaram-lhe o feto!!!...
Já não posso viver!...
O mundo o ódio perfilha
E espezinha o que é recto!...

Porque choras, dozela?!...
— Fuzilaram-me o Amor
Que me dava alegria!...
Apagou-se-me a estrela,
Minha luz, meu calor
Que me guiava e aquecia!...

Porque choras assim,
Alma idosa e cansada?!...
— Perdi filhos e netos!...
Já chegou o meu fim,
Pois a vida, ora, é nada
Sem meus seres dilectos!...

Ó mulher de Timor,
Põe os olhos no Céu!
Deus escuta os gemidos
Da tua alma!... O clamor,
Teu sofrer ascendeu
Do Senhor aos ouvidos!...

Quem te pode valer
É só Deus!... Mais ninguém.
Nas promessas humanas
Não te fies, sequer
Um nadinha, um vintém.
São vazias!... Só nanas!...

Mesmo que essas promessas
Venham de filhos teus
Que já venderam a alma,
E com todas as pressas,
A notos corifeus
Que se ficam na calma!...

Porventura foi esse
O leite que beberam
Do teu peito de amor?!...
Coisa que lhes int'resse
(Quão diferentes eram!...)
Vale mais que o pudor,

Enquanto o javali
Nossa gente afocinha,
Sem ninguém o deter!...
Como isto eu nunca vi,
Em toda a vida minha!...
Roga a Deus, ó mulher!...

CRIANCINHAS DE TIMOR

Inocentes criancinhas
De Timor a chorar!...
Mas porquê?!... Querem leite!...
Mas não há vaquinhas,
Uma ovelha a pastar!...
Não há mãe que as aleite!...

Esqueléticas crianças,
Embaladas por mães,
Também elas sem nada
P'ra comer!... Mães de tranças
Co' um começo de cães,
Uma vida enganada!...

É um chorar misturado
Dessas mães e seus filhos,
Sem qualquer mão amiga
Que lhes valha!... O seu fado
É trazer esses grilhos
De uma gente inimiga!...

Os regatos, ribeiras
De Timor, como as fontes,
A chorar tanto mal!...
Povo mártir, tu beiras
Tantos vales e montes,
Mas não dás co' o ramal

Que te leve ao resgate,
Liberdade e alegria,
À paz justa, por fim!...
Qual será o remate
De toda esta elegia
Que te amargura assim?!...

O clamor inocente
De tanta infância à fome,
De tanta criança morta
Pede justiça ingente,
Uma FORÇA que dome
Quem delas nem se importa!...

MENINO DE TIMOR

Menino de Timor, estás triste?!...
Porquê?!... — Não tenho com que brincar!
Nem com quem!... Já nem posso falar!...
A minha terra correste e viste

Como só há silêncio e tristeza!...
Assim é na palhota que habito!...
Já nem oiço na várzea um só grito!...
Só vejo gente que chora e reza!...

Que saudades que eu tenho dos jogos
Da minha aldeia agora deserta!...
O *"la'o-rai"* [1], que a memória esperta,
Co' as pocinhas na terra, ora a fogos

Mil sujeita!... O *"caleic"* também era
Jogo apreciado da pequenada:
"Hana-caleia"!... [2] De tudo já nada
Resta agora!... Só vejo essa fera

De garra adunca e dente aguçado
A rugir tão feroz que ningém
A doma já, pois medo não tem
De um povo à fome, sem horta ou gado!...

Menino, sou, mas sofro já tanto
Como se fora de muita idade
E co' a alma cheia só de maldade!...
Jesus, tem pena deste meu pranto!...

Jesus Menino, dá-me alegria!...
Na minha terra é tudo tão triste!...
Gente tão má neste mundo existe?!...
Coisas assim tão ruins?!... Não sabia!...

Ó Jesus, manda embora essa gente
P'ra donde veio; e deixe brincar
Tanto menino agora a chorar!...
Que tudo volte a ser diferente!...

---

1 — O *"la'o-rai"* (andar+terra) é um jogo em que cada um dos parceiros tem 7 covinhas feitas na terra e coloca em cada uma delas 4 grãos de milhos ou outras semente ou simples pedrinha. Ganha o que conseguir colocar nas suas covinhas as sementes ou grãos todos do seu parceiro. O jogo é da esquerda para a direita e as covinhas estão dispostas em simetria, com a 7.ª a tapar, à direita, o intervalo entre as duas linhas paralelas (uma para cada parceiro).

2 — O *"hana-caleic"* (atirar+caleic) consiste em cada um dos parceiros procurar acertar mais vezes num únivo alvo ou derrubar o *"caleic"* (a fava dessa trepadeira) ou os *"caleics"* de mais adversários.

BALADA DE NATAL

AO POVO DE TIMOR
NA SUA LUTA E DOR:

"A noite é fria!... A lua é fria!... A aragem corta!"
Que tristeza que envolve a Natureza morta!...

Que tristeza, meu Deus!... À roda e dentro!... Em mim!...
A noite é fria!... A lua é fria!... É tudo assim!...

Ao longe brame o mar!... Alta voz dos profetas!
Longínqua, antiga voz de rútilas trombetas,

Que anuncia a Judá um novo Rei que aí vem,
Jesus nado na lapa agreste de Belém!

Nasceu o Salvador!
Glória a Deus nas alturas!...
Mas a paz em Timor,
Pós anos de tortutas?!...

Ai! Ai! A noite é fria! E a neve..., branca e fria,...
A cair..., a cair..., onde foi alegria!...

Como veio nascer o Menino Jesus
Nessas terras sem paz?!... Seu AMOR o traduz!...
Ai! Ai! Se aquela grande Estrela de Belém
Se partisse em milhões e me entrasse também

Na alma em trevas e dor um raio, só, de luz!...
A noite é fria!... Fria!... E a Estrela já não luz!...

Quem me dera, meu Deus, que me entrasse, um dia,
Neste peito a sangrar, nesta morada fria

Um sorriso, afinal, dos lábios de Jesus,
Que me enchesse de paz a alma posta na cruz!...

A noite é fria!... A lua é fria!... E a neve..., fria...,
A cair..., a cair..., na abrupta penedia!...

A cair!... Branca e fria
Na minha alma sem dia!...

GRÃO DE ARROZ E GRÃO DE MILHO

1

Povo-Mártir! Timor, grão de arroz,
Grão de milho não tens, nem já terra
Te deixou o inimigo feroz!
P'la montanha a tua alma descerra

2

Uma luz, um mistério. Mas que é?!...
Todo o grão que não morre, ao cair
Sepultado no chão — diz a Fé —
Não germina uma espiga a florir!

3

Povo-Mártir, agora semeias,
Não a rir, é com o sangue e o teu pranto,
Esperanças; e terras palmeias,
Mas depois colherás! Não sei quanto!...

4

Nesse dia de luz e de paz,
Oh! Será teu, de novo, o torrão
Que te viu nascer, terra feraz,
E o opressor não verás jamais, não!

5

Para tanto não contes co' a ONU,
Mas com Deus, Que os destinos comanda
E porá, sem mercê, tudo a nu:
Todo um jogo que a um povo desmanda!

PRECE DE UM POVO MÁRTIR

Cruzes! Cruzinhas! Tantas no mundo,
Em sombra ou gesto meditabundo!...
Cruzes inteiras, cruzes partidas!...

Pedra morena nos cemitérios,
Musguento lenho nos ermitérios!
Braços abertos sobre as ermidas!...

Em régias frontes, áureo metal,
No peito crente, luz divinal
Rasgando sombras de torvo medo!

No céu, estrelas postas em fila;
Na onda cerúlea, parda favila
Que o vento joeira, no alto, em segredo!...

Cruzes, cruzinhas! Eis de que são:
A haste? São fibras do coração!
Braços? As asas da fantasia!...

Sobem do peito, qual de um altar,
E abrem os braços onde o pensar
Forma a quimera, cria a utopia!...

Não assim a minha, meu Jesus.
Ela é toda, toda sangue e luz,
Como na Hóstia, nas toalhas do altar!...

A haste na terra, os braços nos Céus!
Braços abertos, braços de Deus
Que assim os abre p'a me abraçar!!!...

ABRAÇO DIVINO

O que é a vida?... Rórida encosta,
Velando a morte na banda oposta,
Por onde eu vou trepando,
Sem saber té que altura,
Até quando
Isto dura!...

Nuvens e nuvens em turbilhão...
São fibras mortas do coração!...
Níveos sonhos alados...,
Belos sonhos de outrora,
Frangalhados,
Vida fora!...

Mas, no horizonte, se ergue uma cruz!
Dúlcida imagem do meu Jesus!...
Trajectória do Céu...,
Promessa de um abraço:
Jesus e eu
Num só traço!...

CAPELINHA DE MISSÃO

Capelinha de Missão
Toda calada de luar
Ou posta ao sol do sertão!
Lembra mãos juntas a orar!

Velhas portas e janelas!
É por elas que entra o sol,
Como que a acender as velas
Ou nas almas um farol!

Velhas paredes! Tão velhas!
Alguém nelas gatafunha
(Linhas pretas e vermelhas!)
Algum nome, alguma alcunha!?...

Umas toscas lapisadas!
Uns traços! Uns algarismos?!
Serão datas disfarçadas
De pequeninos heroismos?!...

Entre os riscos e risquinhos
Anda um nome de ancião,
Escrito por uns dedinhos
Molhados no coração!...

Dedos de ingénuas crianças
Que sempre escrevem direito,
Por linhas tortas, lembranças,
Nomes que trazem no peito!...

Como o do bom missionário
Que na alma de um rapazito
Alevanta um campanário,
Repica um límpido grito;

E em gentílico sertão
Acende um astro, uma estrela,
Reza e canta uma oração,
À luz ténue de uma vela!...

POVO ÓRFÃO

Que saudades!... De tudo me ausento!...
Alongo a vista (oh! Dor! Que tormento!)
Para trás, para além!...
Ah! Na senda trilhada
Vejo alguém?!...
Nada! Nada!...

Álgido vento sibila agora!...
E a saudade — Meu Deus! — como chora
E afaga a loisa fria,
Esperta a poeira antiga
Que dormia
De fadiga!...

No espaço esvoaçavam penas errantes
De asas cansadas, asas distantes!...
Nuvem que a mágoa envolve
Em novelos doridos
E revolve
Em gemidos!...

Povoam-me a alma nuvens de morte!...
Perdi nos olhos a luz da sorte!...
Agora é tudo ausência,
Dentro e à minha roda!...
Reticência
A alma toda!...

Timor! Agora, o que é?... Folhetim!
Devastação! Será sempre assim?!...
P'ra ele o mundo é bravio!
A seu lado ninguém!...
Só! Vazio!...
Já sem mãe!...

"TIMOR: UM CADÁVER"

"Um cadáver, Timor-Leste"!
Sentença de pitonisa!...
E quem de luto se veste
E o funeral organiza?...

Um momento! Pois primeiro
É a autópsia, para se ver
Qual o crime verdadeiro.
A justiça assim o quer!

Foi crime de mão traiçoeira,
Comandada lá de fora,
À voz de gente estrangeira
De muitos povos senhora!

Mas quem pune o criminoso?!...
Oh! Justiça deste mundo!...
Oh! Tribunal enganoso,
Voz desse báratro fundo!...

Timor, querem-te ver morto,
Um cadáver sepultado!...
P'ra epitáfio? (Não suporto)
"Povo traído! Abandonado"!...

Ó povo mártir, acorda!
Ouves a voz do Senhor?...
Dos homens o ódio transborda?...
Espera no Deus de Amor!...

O TESTEMUNHO DOS MORTOS

"HERÓIS DO MAR, NOBRE POVO,
NAÇÃO VALENTE E IMORTAL,
LEVANTAI, HOJE, DE NOVO,
O ESPLENDOR DE PORTUGAL"!...

Assim cantavam aqueles
Dois heróis da Lusa Gente!
Quem eram?!... Quem eram eles?!...
Oh! De uma raça valente!...

Quer um, quer outro, TINOCO [1]
Ou MAGGIOLO [2], tinham fibra!...
Nenhum venderia a troco
De nada a alma!... Fosse libra,

Rublo, dólar ou rupia.
Traziam no coração
Coisa que bem mais valia:
A HONRA, a PALAVRA, a NAÇÃO!...

"Deixar os meus homens sós?!...
Isso por nada o farei"!!!...
De TINOCO era esta a voz
De um Português de lei!...

— *"Deixamos isto e voltamos,*
Sim, já para Portugal"!... —
A tão vergonhosos "*tramos*"
Volve MAGGIOLO, afinal:

"Isso nunca"!!!... Oh! Alma lusa!...
TINOCO e MAGGIOLO!... Heróis!...
Ninguém jamais os acusa.
Filhos de Timor, vós sois

Herdeiros de almas tão nobres!
Sangue mártir que tingiu
Terras agora tão pobres
E onde o "*HINO*" não mais se ouviu!!!...

---

1 — Tinoco (José) era chefe de posto de Lacluta, na II Guerra Mundial, durante a ocupação nipónica do Timor Português. Convidado e instado para abandonar o seu posto e refugiar-se na Austrália, preferiu expor a sua vida no meio do povo que administrava!

2 — Maggiolo Gouveia era comandante da PSP em Timor e foi fusilado pelas milícias da Fretilin. Recusou-se a abandonar o povo Timorense à mercê da Fretilin e do invasor indonésio, em 1974 e 75.

ZERO HORAS!

Zero horas! É meia-noite!
Pobre povo de Timor!
— Em que sítio, por favor,
Encontrarei quem me acoite?!...

Zero horas! Quando virá
O fim da noite cerrada?!
Ah! Tarda tanto a alvorada
Para uma noite de anos já!... —

Zero horas! Ouves do galo
O cantar amigo?!... Não?!...
Vês o mundo num serão
Sem fim, noite de regalo,

Enquanto anseias, Timor,
Pela hora do teu resgate!...
Mas essa hora jamais bate?!...
Espera no teu Senhor!...

Povo de Timor, agora
Em miséria nunca vista,
Ergue a voz como o salmista:
"Quero despertar a aurora!..." (S1,56,9)

Zero horas! Aí vem o Dia
Da tua libertação!
Sim. Novos tempos virão,
Tempos de nova alegria!...

O martírio é redentor!
Não é destino sem fim.
Para os que sofrem assim
Não tarda, não, o Senhor!...

"GOVERNADEIRA DE TIMOR"

"NOSSA SENHORA DE PORTUGAL,
VINDE LIVAR-NOS DE TODO O MAL".

Este é o clamor de um povo crente,
Não já nos homens, mas na Mãe
Que é de Jesus, Mãe que o timor,
Do coração, nesta hora, sente,
Sem qualquer dúvida, também
Ser desse povo sofredor!...

Povo que A invoca, em seu calvário,
Como *"Senhora de Mau-I"*, [1]
"Senhora" desse bento outeiro,
Esplendoroso altar, santuário,
Chamado *"AITARA"* [2]*!...* Ela aí sorri
A todo o crente, fiel romeiro!...

Ó Mãe do Céu, *"Rainha de Aitara"*
Ou de *"Mau-I"*, vem socorrer
Tantos e tantos filhos teus,
Em miséria tão amara!...
Oh! Faze ali um belveder
Donde se vejam outros céus!...

Ouvirás, nesse dia, enfim,
Alegres hinos de louvor,
De acção de graças de mil peitos,
Vozes, acordes de clarim,
Polifonias só de amor,
De filhos teus, já bem refeitos!...

"GOVERNADEIRA DE TIMOR"! [3]
Não era assim que Te invocavam,
Durante sec'los, em Lifau, [4]
Os seus avós?!... Que o Teu Amor
Lhes valha agora que eles travam
Luta feroz co' o imigo Jau!...

---

1 — *Mau-I* é um santuário mariano em Timor-Leste, na zona de Bobonaro.
2 — *Aitara* é outro santuário mariano, mais antigo, situado no centro missionário de Soibada.
3 — A invocação de "*Nossa Senhora, Governadeira de Timor*" ainda se via inscrita num estandarte, na igreja de Oecusse, em 1912, segundo testemunho do Capitão Figueiredo de Barros ao autor deste pequeno volume de versos.
4 — Lifau foi a primeira capital de Timor e situa-se no actual enclave de Oecusse.

VITÓRIA!

Soa a trombeta bélica, Timor!
Da longa noite o fim já se aproxima!
Já no horizonte brilha um novo alvor!
Quem te promete a paz 'stá sempre acima
Da vontade dos homens, os mais fortes,
Muito acima de mil ou mais *"Mavortes"!*

De ninguém te virá essa vitória
Por que anseias, ó povo abandonado.
A promessa dos homens? É ilusória.
Como te olham? Não vês? Só como gado!
Olha p'ra o alto Céu, num *"sursum corda"!*
E porque te arreceias tu dessa horda

Que em Deus não crê nem teme já a mais nada
Senão ao braço armado, à astúcia bélica?
Tua voz pelo Senhor foi escutada!
Acudir-te virá uma legião célica
E de novo terás fartas colheitas
Do chão nu, onde agora te deitas!...

Toca a trombeta e cheguem aos teus montes
Os cantares festivos de teus filhos!...
Já se vislubram novos horizontes!
Para longe, bem longe, esses teus grilhos!
Vibrarás de alegria em mil hosanas,
Aleluias, após noites arcanas!...

"BUA-MÁLUS" [1]

Ó Terra minha, Timor,
Ensina aos teus filhos todos
Que o ódio os espera, e o amor
Os une contra os engodos.

— Se muito falais em "*meus*" [2],
Enconchando-se cada um
Frente a milhares de "*teus*",
Onde fica o bem comum?!...

Há quem se faz vosso amigo,
Para vos desirmanar.
Filhos, chorastes comigo?...
O triunfo não vai tardar!...

Mas um "*cnanánuc*" [3] vos lembro:
"*Como o chumbo ou como a cera*
Derretida, não um membro
Separado forma ou gera,

Mas um todo, corpo inteiro,
Assim deveis também vós
Ser, nunca, nunca, um falheiro,
Mas uma única voz".

Outro *"cnanánuc"*: *"Bua-málus"*.
É com o bétel e a areca,
Mais a cal a completá-los,
Valendo embora uma leca,

Que todos, filhos, mascais,
Tendo na boca uma pasta.
Aí *"bua,málus"* são iguais,
Nem a cal é já nefasta.

---

1 — "Bua-málus" é expressão usada em Timor, para significar a atenção com que se recebe uma visita, seja parente, seja amigo ou mesmo outra pessoa, a quem se oferece bétel e noz de areca com uma pitada de cal, para a masca. Esse ritual é corrente em cerimónias socio-religiosas, como também em sacrifícios. É um símbolo de união.

2 — *"Meus"* e *"Teus"* são pronomes, substantivado com que os indígenas da tribo Tuiavii da ilha de Tiavea do Pacífico Sul exprimem a sua estranheza perante a mentalidade e o sentimento obsessivamente possessivos do branco, fonte de todo o seu divisionismo.

3 — *"Cnanánuc"* é termo tétum, para dizer "poema", "poesia".
Texto tétum da antepenúltima e penúltima estrofes:

"Lian ita lian nu'u
Lílin fui mútu,
Macdádi fui mútu,
Lílin fui mútu".

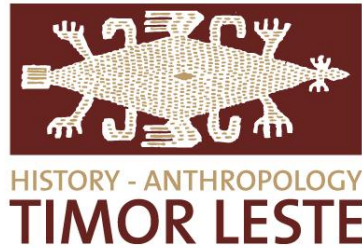
Este texto foi-nos fornecido pelo regente escolar timorense, natural de Soibada, Paulo Quintão.

ÍNDICE

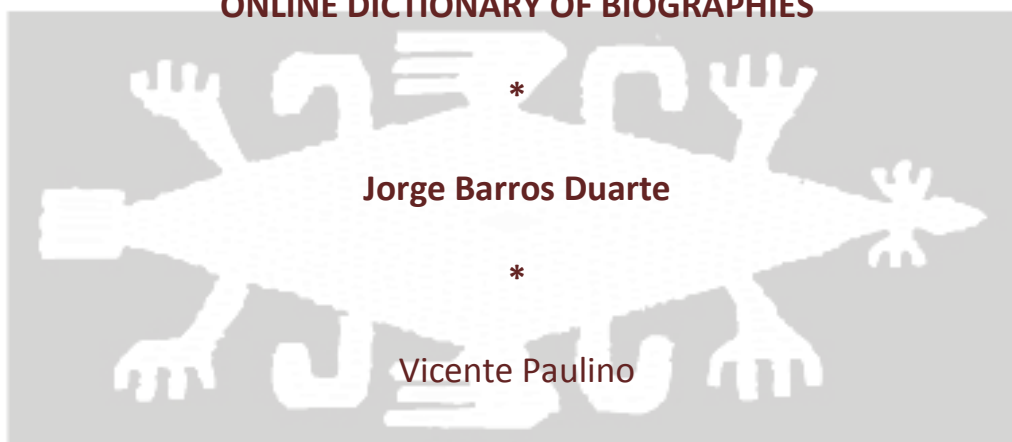
Jorge Barros Duarte nasceu em Same, Timor Oriental, em 1912. Aos 11 anos, foi para Macau, onde tirou o curso de Teologia no seminário de S. José. Em 1936, está novamente em Timor, onde ensina no seminário de Nossa Senhora de Fátima e no liceu Dr. Francisco Vieira Machado, tendo sido vogal do Conselho do Governo e, em 1965, eleito deputado por Timor à Assembleia Nacional. De 1956 a 1961, publicou alguns ensaios na Revista SEARA, de que era Director. Em 1980, publica "AINDA TIMOR" (Ed. GATIMOR, Lisboa), análise da situação política em Timor, de 25 de Abril de 1974 até 1980. Este trabalho despertou o interesse da Biblioteca do Congresso Americano, estando a ser traduzido para inglês (na Austrália). Muito recentemente, publicou "EM TERRAS DE TIMOR" (a acção das Missões Católicas naquela ex-colónia portuguesa e as suas relações com o Estado Português, de 1875 até 1975). Entretanto dedicou-se igualmente à investigação antropológica em Timor Oriental, tendo, neste domínio, publicado: CASA TURI-SAI (Ed. J. Inv. Cient. Ultramar, 1975); BARLAQUE: CASAMENTO GENTÍLICO TIMORENSE (Ed. F. C. Gulbenkian, Paris, 1979); TIMOR: FORMAS DE FRATERNIZAÇÃO (Ed. F. C. Gulbenkian, Paris, 1982); TIMOR — RITOS E MITOS ATAÚROS (Ed. Inst. Cult. e Língua Portuguesa, Lisboa, 1982, esgotada).

Em **TIMOR – *UM GRITO,*** também publicado nesta editora o autor faz uma análise da situação política de Timor-Leste, resultante da sua descolonização por Portugal e posterior invasão e ocupação pela Indonésia, à luz de novos dados e da evolução dos acontecimentos ali passados desde 1975 e ainda não suficientemente estudados.

Agora em **TIMOR — *JEREMÍADA***, os versos deste pequeno volume seguem uma trajectória rimática (em sintonia com o paralelismo oriental, espécie de rima conceitual) e um simbolismo naturalista que mais os aproximam da Alma timorense, caracterizada por um como que substrato animista e uma expressiva vivência cristã, misto de cristianismo e portugalidade!...

Este é o tom plangente e acusatório do título **TIMOR — *JEREMÍADA* ,** evocativo da missão profética de Jeremias na História Bíblica...

HISTORY AND ANTHROPOLOGY OF PORTUGUESE TIMOR

ONLINE DICTIONARY OF BIOGRAPHIES

*

Jorge Barros Duarte

*

Vicente Paulino

FL-UL

vlino78@yahoo.com

You are welcome to cite this biography, but **please reference it appropriately** – for instance in the following form:

Vicente Paulino, "Jorge Barros Duarte", in Ricardo Roque (org.), *History and Anthropology of "Portuguese Timor", 1850-1975. An Online Dictionary of Biographies*, available at http://www.historyanthropologytimor.org/ (downloaded on [*date of access*])

Jorge Barros Duarte nasceu em Same (Timor), em 1912, vindo morrer em Portugal, a 6 de Junho de 1995. Era filho de militar português e de mãe timorense, tendo sido enviado, aos 11 anos, à Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, onde se formou no curso de Teologia do Seminário de São José. Em 1956 regressou a Timor e, antes de trabalhar na missão, foi visitar a sua mãe e outros familiares. Foi no mesmo ano que começou a sua carreira como professor no seminário de Nossa Senhora de Fátima e no Liceu Dr. Francisco Machado, tendo sido deputado por Timor na Assembleia Nacional do Estado Novo no início dos anos 60 do século XX. Também foi director da revista católica de Timor, *Seara – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli*, entre 1956 e 1961. Em 1964, no mesmo ano em que publicou alguns ensaios nas páginas dessa revista, a *Seara* interrompeu a publicação. De acordo com Costa-Gusmão, foi graças ao esforço e sacrifício do Pe. Director Jorge Barros Duarte que a sua edição pôde ser feita até meados de 1964 (Costa-Gusmão, 1999: 32).

Em 1981 publicou a obra intitulada *Ainda em Timor*. Nesta obra, Jorge Barros Duarte traçou uma perspectiva analítica da situação política de Timor, designadamente do processo de descolonização e da invasão e ocupação indonésias, desde 25 de Abril de 1974 até 1980. O conteúdo textual e narrativo deste trabalho despertou o interesse da Biblioteca do Congresso Americano, pelo que alguns académicos australianos traduziram-no para inglês. Destacavam-se também as actividades de missionação que eram reguladas pelo Estatuto Missionário artº 68: "o ensino indígena obedecerá à orientação doutrinária da Constituição Política Portuguesa (…) O ensino indígena será, assim, essencialmente nacionalista" (Duarte, 1981: 89), isto é, visava portugalizar os timorenses com a aplicação do direito de igualdade, fraternidade e liberdade que, mais tarde, foi considerado pelo governador de Timor Português, Serpa Rosa, como uma ameaça directa ao governo colonial.

Mais tarde, o autor desenvolveu pormenorizadamente outro trabalho a que deu o título *Timor: Um Grito*. Neste trabalho, fez uma outra abordagem analítica, mais ou menos alargada e mais crítica, do processo de descolonização, invasão e ocupação indonésias, até à reformulação da agenda política externa do governo português sobre o chamado problema "Timor-Leste".

Outra obra a realçar é *Em Terras de Timor*, publicada pelo autor em 1987, cuja descrição se centrava muito na acção das missões católicas no Timor Português de então, bem como nas suas relações com o Estado Português, designadamente no que tocava à acção educativa, desde 1875 a 1975. De seguida, publicou *Timor Jeremíada* (1988). Esta é uma obra poética, cuja descrição se baseava nas prosas líricas da Bíblia.

O Pe. Jorge Barros Duarte era um sacerdote que gostava de deixar as palavras em viagem nas escritas. Por isso, interessou-se muito pela poesia lírica e ritmada, voltada essencialmente para a metalinguagem bíblica e subjectiva; e pelos temas relativos à elevação do glorioso Portugal-Império (leia-se em especial os trabalhos que publicou na revista/jornal *Seara* sobre Portugal e as missões); mais tarde, virou o seu talento para o povo mártir de Timor com a apresentação de uma personagem bíblica "Jeremias", presente na sua principal obra poética, acima referida.

Dedicou-se igualmente à investigação antropológica sobre tradições e costumes do povo timorense, do que ele próprio se percebia como fazendo parte. Neste domínio, publicou*Casa Turi-Sai: um Tipo de Casa Timorense*; *Barlaque - Casamento Gentílico Timorense*; *O Fenómeno dos Movimentos Nativistas*; *A Alma Timorense*; *Timor: Formas de fraternização*; *Timor: Ritos e mitos de Ataúro*. No âmbito linguístico, Jorge Barros Duarte elaborou ainda um pequeno *Vocabulário Ataúro-Português, Português-Ataúro*.

Entre 1966 e 1969, visitou com frequência o interior do território de Timor Português de então, nomeadamente a região de Turiskai. Daí resultou a concretização de um trabalho antropológico com um título sugestivo: *Casa Turi-Sai: um Tipo de Casa Timorense*. Dava-se assim um valor ético ao seu incansável interesse pela "beleza da natureza", para consolidar as realidades observadas com o conhecimento adquirido através da produção da obra. Deste modo, Barros Duarte chegou a dizer que "O exemplar de casa que me serviu de base de investigação foi descoberto na pequena e quase extinta povoação de Turi-Sai, situada na montanha de Bessilau, como que a orlar a estrada de Dili-Aileu, a meia distância entre estas duas localidades. Ali se erguem, numa reentrância do terreno, duas casas indígenas construídas exclusivamente com materiais locais" (Duarte, 1975: 1).

A ilha de Ataúro pertencia à paróquia de Motael e, como Pe. Jorge Barros Duarte era pároco desta paróquia, visitava com frequência as estações missionárias de

Ataúro. Destas visitas nasceu um trabalho antropológico de carácter predominantemente etnográfico intitulado *Timor: Ritos e Mitos de Ataúro*. Esta obra reflecte sobre a história das linhagens do povo ataurense e sobre suas tradições e ritos, entre eles os ritos de nascimento, de casamento, de enterro dos mortos, de consagração da nova casa.[1]

Finalmente, pode dizer-se que o Pe. Jorge Barros Duarte levou uma vida relativamente preenchida com diversas actividades (políticas, missionárias, pesquisa de campo) e, segundo depoimento feito junto de alguns timorenses que o conheciam, tive conhecimento de que ele sempre manifestou a sua amizade num circuito restrito de amigos que gostavam de se envolver em discussões literárias, políticas e assuntos sobre antropologia.

Bibliografia do autor sobre Timor

Livros e artigos:

DUARTE, Jorge Barros. 1958. "O fenómeno dos movimentos nativistas". *Garcia de Orta, série de Antropobiologia*, nº 5.

DUARTE, Jorge Barros. 1975. "Casa Turi-sai: um Tipo de Casa Timorense". *Garcia de Orta, Série de Antropologia*, vol. 1, nº 1 e 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1981. *Ainda em Timor*. Lisboa: GATIMOR.

DUARTE, Jorge Barros. 1988. *Timor: um Grito*, Odivelas: Pentaedro.

DUARTE, Jorge Barros. 1987. *Em Terras de Timor*. Lisboa: Edições Tiposet-Soc.

DUARTE, Jorge Barros. 1988. *Timor Jeremíada*. Odivelas: Pentaedro.

DUARTE, Jorge Barros. 1979. *Barlaque - Casamento Gentílico Timorense*, Paris: F.C. Gulbenkian, 1979.

DUARTE, Jorge Barros. 19892. *Timor: Formas de fraternização*. Paris: F. C. Gulbenkian.

DUARTE, Jorge Barros. 1984. *Timor: Ritos e mitos de Ataúro.* Lisboa: Instituto Cultura e Língua Portuguesa.

[1] Consulte-se também os trabalhos "De Mano-Coco ao Génesis", *Seara*, 1949, ano 1, nº 2, e "Viajando de Piroga", *Seara,* 1955, ano 7, nº3, ambos da autoria do Pe. Ezequiel Enes Pascoal.

DUARTE, Jorge Barros. 1990. *Vocabulário Ataúro-Português, Português-Ataúro*. Macau: Instituto Português do Oriente.

DUARTE, Jorge Barros. 1993. "O apadrinhamento baptismal e o conceito de família no timorense". In*: Acta do Congresso Internacional de História*, Fundação Evangelização e Culturas: U.C.P, vol. 4.

Artigos publicados na *Seara*:

DUARTE, Jorge Barros. 1957. "Antigo Missionário de Ataúro". *Seara*, Ano 9, nº 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1957. "Estação Missionária de Ataúro". *Seara*, Ano 9, nº 5.

DUARTE, Jorge Barros. 1958. "A alma Timorense". *Seara*, Ano 10, nº 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1958. "Dificuldade à acção missionária". *Seara*, Ano 10, nº 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1963. "O casamento canónico e o decreto nº 45063". *Seara*, Ano 15, nº 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1963. "O 'Lorsán'". *Seara*, Ano 15, nº 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1964. "Validade dos casamentos consuetudinários Chinês e Timor". *Seara*, Ano 16, nº 1 e 2.

DUARTE, Jorge Barros. 1964. "Barlaque". *Seara*, Ano 2, nº 3/4.

DUARTE, Jorge Barros. 1964. "Eixo Roma Jerusalém". *Seara*, Ano 16, nº 1 e 2.

Fontes e bibliografia citadas:

COSTA-GUSMÃO, Áureo José da. 1999. "SEARA – Halo Tinan Limanulu". *Seara*, Díli Timor-Leste.